



PENTECOSTAIS E CATÓLICOS NA AMAZÔNIA

MARAJÓARA – NOTAS DE CAMPO

■ VANDA PANTOJA¹

RESUMO: ESSE ARTIGO ANALISA, A PARTIR DE INCURSÕES A CAMPO, A PRESENÇA PROTESTANTE PENTECOSTAL NUMA PARTE DA AMAZÔNIA BRASILEIRA, MAIS ESPECIFICAMENTE NA MESORREGIÃO MARAJÓ, ESTADO DO PARÁ. FORAM REALIZADAS VISITAS AOS 16 MUNICÍPIOS QUE COMPÕEM A REGIÃO. CONSTATOU-SE QUE NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX HOVE UM CRESCIMENTO DAS DENOMINAÇÕES NA REGIÃO ASSIM COMO UMA DIVERSIFICAÇÃO DAS MESMAS. A PRESENÇA EVANGÉLICA NÃO É RECENTE NA REGIÃO, REMONTA AO ANO DE 1911 COM A FUNDAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BELÉM-PA. VERIFICOU-SE QUE AS RELAÇÕES ENTRE EVANGÉLICOS E CATÓLICOS E ENTRE EVANGÉLICOS DE DIFERENTES DENOMINAÇÕES SÃO CARACTERIZADAS POR TENSÃO E DISPUTAS POR MERCADO NUM CAMPO QUE PASSA POR PROCESSOS DE MUTAÇÕES.

PALAVRAS CHAVES: AMAZÔNIA. MARAJÓ, PENTECOSTALISMO. CATOLICISMO.

Os dados do recenseamento de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - apontaram um grande crescimento das denominações evangélicas nas cidades da Mesorregião Marajó. Minhas recentes incursões pelos dezesseis municípios que compõem a Região proporcionaram um conhecimento mais detalhado dessa presença evangélica, revelaram um pouco do que significa ser evangélico nessas pequenas cidades assim como possibilitou entender como se relacionam católicos e evangélicos e evangélicos e evangélicos na região.

Formada por 16 municípios, a Mesorregião Marajó², assim como grande parte da Amazônia Brasileira, foi/é tradicionalmente conhecida como católica, apesar da grande presença de religiões de matriz africana, cultos de natureza indígena, como a pajelança, e, mais recentemente, a proliferação do protestantismo de vertente pentecostal.

As estatísticas do IBGE associadas às incursões a campo pela Ilha não deixam dúvida que, de fato, a região passou a receber uma série de novas denominações religiosas evangélicas nas duas últimas décadas do século XX. No entanto,

não se pode dizer que essa presença seja recente já que as primeiras incursões de evangélicos pela Ilha são anteriores à fundação da Assembleia de Deus no Pará no ano 1911.

Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram ao Pará em 1910. Essa denominação é pioneira na implantação e divulgação do evangelismo de vertente pentecostal no Brasil. No mesmo ano em que chegou ao Pará, antes de mesmo de organizar uma igreja, Vingren teria viajado pela região do Rio Tajapuru em companhia de seu amigo brasileiro Eduardo Nobre realizando cultos e fazendo pregações. Tal evento coloca a região Marajó como a primeira para onde se expandiu o pentecostalismo depois de chegar à capital paraense.

Atualmente essa denominação encontra-se bem estruturada de recursos físicos e humanos e está presente em todas as 16 sedes municipais da região, além disso, possui trabalho de evangelização ao longo das comunidades localizadas nos rios e furos do Marajó³.

Por questões estratégicas, o canal de chegada dos evangélicos ao Marajó se deu das localidades situadas à beira dos rios para as sedes municipais. A explicação para tanto é que nas cidades a penetração era mais difícil devido à presença da igreja católica, seja na figura de um padre ou, na ausência deste, de um leigo que exercia algumas das funções do sacerdote, o que de fato era mais comum. Atualmente esse processo se alterou: as denominações mais antigas na região como Assembleia de Deus, Deus é Amor, Igreja

do Evangelho Quadrangular e Igreja Evangélica Cristã mantêm trabalhos tanto nas sedes como nas localidades próximas ou distantes; já as denominações que chegaram nas últimas duas décadas mantêm trabalhos apenas nas sedes e não manifestam desejo de se instalar nas localidades, alegando que é muito custoso manter um evangelista em lugares tão distantes.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nos mostram que o crescimento do número de evangélicos é bem mais acentuado de uma década para cá e que, no caso da região pesquisada, os municípios que apresentaram maior crescimento de evangélicos no censo de 2000 são aqueles que apresentaram menor incidência de evangélicos no censo de 1991. Isso significa dizer que as cidades marajoaras que percentualmente apresentam maior índice de presença evangélica no censo de 2000 são aquelas que apresentavam os menores índices em 1991. Esses dados nos permitem pensar que as denominações se dirigiram nesse intervalo de tempo para os municípios onde havia menor presença de outras denominações evangélicas, ou, pode-se dizer, menor concorrência. Em contrapartida, os municípios que no censo de 1991 apresentaram números interessantes de presença evangélica mostraram crescimento medíocre no censo de 2000, corroborando a ideia de que o fluxo de evangélicos obedece a uma demanda.

Os dados nos indicam que não se pode pensar a região investigada apenas como espaço católico onde coexistem práticas da pajelança e de religiões de matriz afro que, dado ao caráter

inclusivo do catolicismo, foram ao longo do tempo envolvidas por esse e adquiriram uma identidade católica, mesmo se constituindo em algo diferente na prática. Com a chegada do pentecostalismo na região, no início do século XX, e sua expansão nas duas últimas décadas do mesmo século esse cenário tende a se alterar. Tal alteração se deve ao fato de que no universo evangélico se opera um processo diferente daquele verificado com as outras formas religiosas ou de cultos que por longo tempo estiveram sob o manto do catolicismo. Para os evangélicos há uma marcação identitária bastante acentuada, seus adeptos fazem questão de se diferenciar dos católicos, assim como dos praticantes da umbanda, candomblé, espíritas kardecistas, entre outros. Dessa forma, tem-se um grupo religioso que forja uma identidade que se constrói na/pela diferenciação religiosa.

Mas nem tudo são diferenças, uma vez que há bastantes continuidades nesse processo. Isso significa que entender os evangélicos na região Marajó significa pensá-los dentro de seu contexto espaço-temporal sem deixar de considerar todas as questões que envolvem uma sociedade historicamente construída numa íntima relação com a natureza, a qual tem um peso marcante no cotidiano dessas comunidades, sobretudo no repertório das crenças. Assim, o protestantismo de vertente pentecostal que se fixou nessa parte da Amazônia Brasileira dialoga com as características locais relativas às crenças que por longo tempo fizeram- e continuam a fazer- parte dos imaginários dessas populações que, sendo convertidos ou nascidos no universo evangélico, não deixam de

trazer consigo práticas e crenças de seu antigo repertório cultural-religioso, no caso dos convertidos, ou mesmo de cultivar tal repertório no caso daqueles que nasceram em “berço evangélico”. Esse repertório está quase sempre relacionado à crença em entidades sobrenaturais como boto, matintapereras, bichos visagentos, entre outros, ou às práticas cristãs católicas como a benção, sem deixar de está associado ao uso de uma medicina tradicional que manipula medicamentos feitos à base de ervas naturais através de um saber que de forma oral circula entre as gerações.

Quanto à questão do trânsito religioso entre denominações evangélicas, pode-se dizer que o marajoara é conservador quando se trata de transitar de denominação para denominação. Isso não significa que ele não transite; pelo contrário, encontrei muitas pessoas que já passaram por duas ou três denominações diferentes. Todavia, esse trânsito dificilmente se dá de uma denominação considerada “tradicional” para uma “nova”, especialmente quando se trata de pessoas mais velhas. São os jovens que migram das denominações mais antigas para as mais recentes na tentativa de adaptar “mundo” e religião.

As denominações consideradas “tradicionais” são as que têm maior apelo entre as pessoas, pois são elas que chegam e ficam na região. Algumas denominações já tentaram por várias vezes na última década abrir templos na região e não conseguem se fixar devido à ausência ou ao pouco número de fiéis. Exemplo disso é a denominação Igreja Universal do Reino de Deus.

Nos municípios em que possui templos sua presença já constitui segunda ou terceira tentativa, ainda assim, é pouco expressiva. Outra igreja que tenta se implantar com certo insucesso é a Igreja Mundial do Poder de Deus. Presente no município de Portel, a denominação tem desejo de abrir templos nas cidades de Melgaço e Breves, mas “não está sendo fácil”, comenta seu dirigente local.

Atribuo esse gosto dos marajoaras pelas denominações consideradas mais tradicionais como Assembleia de Deus, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Cristã Evangélica, entre outras, à desconfiança dos mesmos em relação às características dessas novas igrejas. Apesar de reconhecer que Deus é um só, mas pode se manifestar em todas as religiões, o que faz com que haja certa tolerância religiosa entre as várias denominações, os marajoaras entendem que o evangélico é uma pessoa “diferente” das outras, e é seu dever ser diferente. Suas vestes, seu cabelo, seu comportamento, enfim, sua conduta deve ser exemplar. Não apenas os membros de uma denominação devem cultivar um comportamento condizente, mas sobretudo o pastor ou dirigente deve ser uma pessoa que inspire o respeito e a admiração de todos.

Tendo em vista esse rigor com a conduta, as denominações que não exigem um rigor na aparência, que não pregam uma clara distinção entre o universo evangélico e as “coisas do mundo” atraem pouca atenção de algumas famílias evangélicas, ou daqueles evangélicos convertidos há muito tempo. Geralmente, essas igrejas mais “modernas” recrutam seus membros naquelas

camadas médias de jovens trabalhadores que querem ser evangélicos, porém não desejam abrir mão de antigas práticas como vestir “roupas da moda”, jogar futebol, frequentar as praias com trajes de banho, entre outras. Essas igrejas são caracterizadas por celebrarem reuniões bastante animadas que, segundo os evangélicos mais antigos, “nem parece culto”. Há também uma grande flexibilidade relacionada aos costumes, fato também visto com muita desconfiança pelos mais tradicionais. Esse é o caso da denominação Comunidade Evangélica Integrada da Amazônia - CEIA, presente no município de Portel e frequentada por jovens universitários e trabalhadores liberais, cujas reuniões são bastante animadas e cujos membros não poderiam ser identificados como evangélicos apenas por sua aparência, como no passado. É o caso também da Igreja Universal do Reino de Deus que, mesmo tendo como alvo aquelas pessoas que passam por graves problemas sociais, sobretudo os envolvidos com drogas, furtos, roubos e demais mazelas, problemas enfrentados pela maioria das comunidades, tem uma presença bastante tímida e, pode-se dizer, goza de pouco prestígio na região.

No Marajó, como nos demais lugares, pertencer a uma denominação evangélica não é uma questão religiosa apenas, mas constitui um lugar de hierarquias sociais, uma espécie de *status* que varia de acordo com o prestígio da denominação em questão, assim como daqueles que a frequentam. Portanto, dizer que se pertence a esta ou àquela denominação revela um pouco da classe social a que se pertence ou na qual se almeja

transitar, assim como os gostos referentes a essa classe. Quanto mais tradição a denominação tiver mais prestígio ela imprime a seu membro. E o contrário também procede.

As condições sociais da região Marajó, marcada por municípios muito pobres, carentes de quase todos os serviços, de empregos e com altos índices de violência urbana, consumo de drogas, sobretudo entre os jovens, e pela prostituição, constitui um quadro propício para ação de denominações que têm esse público como alvo. Algumas igrejas declaradamente assumem esse público como aquele para os quais direciona seu discurso, sendo, portanto, esse o público dominante em suas reuniões. Narrativas sobre mudanças de vida são muito comuns nesse caso.

Algumas denominações, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, reconhecem que um quadro de desemprego, prostituição e falta de perspectiva facilita seu acesso entre os marajoaras, especialmente os jovens, no entanto, não apenas essas condições são determinantes do sucesso ou do fracasso de uma denominação. A figura do pastor, o nível de aceitação da pessoa no grupo, sua condição de classe, assim como o grau de comprometimento exigido da pessoa pela instituição são de grande influência no processo de entrada e permanência na igreja. O conjunto de elementos que mede o grau de ajustamento entre a igreja e os fiéis é sempre uma situação não determinada e exige que tanto fiéis quanto instituição se movimentem nesse sentido.

As pessoas que declararam entrar e permanecer em uma determinada igreja evangélica ou abandonar a mesma utilizam como razão itens como nível de sociabilidade intragrupo, distância do templo em relação a sua casa, nível de respeito em relação ao pastor, a conversão de um membro da família, entre outros; já aqueles que migraram do universo católico para o evangélico, alegam questões doutrinárias para tanto, mas o curioso é que nunca mencionam tais questões, apenas afirmam que ao conhecer a “verdadeira” palavra se deram conta que “andavam no erro”.

Num quadro social em que uma sociedade necessita de quase tudo, como os marajoaras, fica difícil medir até que ponto aquele discurso evangélico que prima pela resolução de problemas práticos não significa um alívio para as tensões sociais dessas pessoas. Não pretendo com isso deixar a ideia de que o crescimento evangélico na ilha está apenas relacionado às questões de ordem prática, porém, olhando estritamente do ponto de vista das estratégias de algumas denominações, esse é um fator que não deve ser descartado.

De forma geral, pode-se dizer que as relações entre católicos e evangélicos varia muito de município para município e dentro do próprio município quando se consideram as relações entre sede municipal e localidades. Grosso modo, pode-se dizer que os padres se incomodam muito mais com os pastores que os pastores com os padres. Isso ocorre porque os pastores, ao não se incomodarem com os padres, se incomodam com os pastores das outras denominações evangélicas, pois acreditam que elas são bem mais “perigosas”

em termos de mercado religioso que a Igreja Católica, instituição que alguns pastores evangélicos consideram não rival nesse processo. O grau de incomodação entre as partes se dá em níveis bastante aceitáveis, com raras exceções.

A relação entre evangélicos e evangélicos é bastante cordial. Não há conflito declarado, há tensão. É comum que os pastores se respeitem, cooperem entre si, mas sem muita proximidade. A Assembleia de Deus pelos longos anos de presença na região ganhou quase sempre um templo na via principal das cidades, o maior número de fiéis e também muito respeito. Esse lugar social que ocupa, além de lhe render prestígio e respeito, também rende algumas críticas negativas acerca de seus membros. Segundo comentários locais, os assembleianos “querem ser melhor que os outros” e fazem questão de “não se misturar”, isto é, preferem manter distância dos evangélicos de outras denominações.

Em cidades pequenas como as aqui investigadas essas práticas ganham grandes proporções, pois influenciam na organização social que se estrutura sobretudo a partir de uma rede ampla de reciprocidade entre seus membros, nos moldes de Marcel Mauss (2003). Esse distanciamento entre as denominações não tem ressonância apenas no movimento cotidiano dos fiéis, uma vez que influencia a organização do próprio movimento pentecostal na região. As Marchas para Jesus, evento nacional em que as denominações evangélicas se reúnem em um grande cortejo público, já tentaram fazer parte do calendário marajoara, mas isso ainda não deu certo,

pois nem todas as igrejas aderem ao movimento, entre elas a Assembleia de Deus. Essa desarticulação também tem ressonância no universo político partidário; desarticulados localmente, os pastores preferem dizer que fazem religião e não política, porém, um olhar mais atento mostra que não há tanta distância entre ambas as esferas, pois alguns prefeitos, de mandatos recentes ou atuais, eram/são evangélicos. Tal fato tem deixado a Igreja Católica muito preocupada.

Internamente às denominações, a relação entre igreja e fiéis é também bastante diversa. A explicação dos pastores para tanta diversidade é que os fiéis são pessoas distintas com costumes e desejos os mais variados, e aquilo que os aproxima pode ser também aquilo que os afasta de uma igreja. O pastor ou dirigente é, antes de tudo, na visão dos fiéis, alguém que “sabe lidar com o público”, “vê à frente de todos” e “sabe identificar aquilo que os fiéis precisam”, pois do contrário não conseguiria manter uma membresia.

Além do carisma, é essencial que a postura do pastor seja condizente com os valores locais. Uma visão muito “progressista” ou muito “conservadora” em relação ao mundo pode ser bem vinda ou rejeitada conforme a situação. Nesse sentido a figura do evangelista é a grande responsável pelo sucesso ou fracasso de uma denominação. Como figura central no processo de expansão do evangelismo como um todo e da denominação em particular, o evangelista transita para as mais diferentes paragens, seu deslocamento pode estar relacionado aos seus diferentes talentos,

e/ou às necessidades das denominações, e/ou ao perfil do lugar.

Se as necessidades são distintas o evangelista também já não pode ser aquele do passado: jovens, mais velhos, nativos ou estrangeiros; homens ou mulheres, os pastores procuram estar “antenados” dentro dos limites e possibilidades tecnológicas de uma região como a Amazônia Marajoara. Inclusive precisam aprender a lidar com os limites de suas formações, quase sempre bastante precárias tanto do ponto de vista da instrução formal como da formação específica para sacerdote.

Há, portanto, muita diversidade no trato entre católicos e evangélicos e entre evangélicos e evangélicos de um lugar para outro, não sendo possível construir uma única caracterização dessa relação, pois cada cidade tem mobilizado o repertório de que dispõe em mãos para lidar com a situação. Assim temos casos como o verificado em Bagre, onde existe um contexto de convivência pacífica entre “crentes” e católicos num ambiente de muitos convertidos onde a Igreja Católica teve diminuição de 20% de um censo para outro, enquanto no mesmo intervalo de tempo os evangélicos cresceram mais de 38%. A Igreja Católica tem investido nas festas de santo, alterando datas e criando novos atrativos, a exemplo da introdução do mastro na festa de Santa Maria, na tentativa de equilibrar as relações de diferença com os evangélicos. Os evangélicos de lá se sentem pouco retraídos e trabalham dia a dia na construção de novos templos.

Em Gurupá, um catolicismo político aliado a uma expressiva festa de santo, São Benedito, tem mobilizado as pessoas em torno do catolicismo. Ali, diferentemente dos outros municípios, encontramos uma comunidade organizada em torno da política e da religião, devido à atuação do padre local e das Comunidades Eclesiais de Base. No entanto, de um censo para outro, houve um crescimento de pouco mais de 6% de católicos contra um aumento de mais de 98% entre os evangélicos.

Na cidade mais famosa da Área dos Campos Marajoaras, Cachoeira do Arari, a Comissão do Glorioso São Sebastião, com suas folias e seus rezadores de ladainhas, tem sido de grande ajuda na divulgação do catolicismo popular, especialmente naquelas áreas mais distantes onde a instituição igreja não pode chegar. *Esmolando* com o santo em fazendas, retiros e comunidades distantes, ao mesmo tempo em que angaria recursos financeiros para a festa, a Comissão possibilita àqueles fiéis que não podem ir à cidade renovarem sua aliança com o santo e, conseqüentemente, com a religião católica. Se no passado recente a Comissão fora desaprovada e eliminada pela igreja, hoje ela é incentivada e controlada pela mesma, sendo o folião na atualidade devoto do santo e “funcionário” da Igreja, ao mesmo tempo. Cachoeira foi uma das três cidades que apresentou crescimento do percentual de católicos de um censo em relação a outro, cerca de 7%. Lá os evangélicos cresceram um pouco mais de 50% em dez anos.

Em Portel, o crescimento dos evangélicos e a retração dos católicos parece não trazer

maiores consequências para a relação entre católicos e evangélicos. O Círio de Nossa Senhora de Nazaré e a festa da padroeira, Nossa Senhora da Luz, mobilizam os católicos assim como as bandas de música, grupos de corais e grupos de dança gospel mobilizam a comunidade evangélica, que atua, sobretudo, onde o Estado se ausenta, tendo em vista tratar-se de um município com altas taxas de violência urbana, sobretudo entre os jovens.

Em Melgaço há um avanço dos evangélicos de mais de 47% de um censo em relação ao outro e um refluxo dos católicos de pouco mais de 17%. Essa diferenciação se percebe não apenas pelos números do IBGE, mas também pelo aumento das denominações na cidade e pela diminuição dos festejos de santos do catolicismo. Pesa muito nessa relação a difícil convivência entre clero e leigos locais.

Afuá foi o único município que apresentou percentual positivo para a Igreja Católica e negativo para os evangélicos. Lá os católicos cresceram 3,6% e os evangélicos sofreram uma queda de 10,4%. O fato de Afuá possuir por doze anos um padre bastante “combativo” em relação aos evangélicos pode ser um fator explicativo para esses números.

Considerações finais _____

Perante os números, a Igreja Católica tem se movimentado. As festas de santo têm sido um dos instrumentos onde se percebe tal movimentação. Na Ilha, as festas têm passado por modificações que alteram suas datas, a exemplo da

festa de São Francisco das Chagas em Bagre; introdução de novos elementos como o mastro na festa de Santa Maria também em Bagre; institucionalização do ofício de Folião na cidade de Cachoeira do Arari; potencialização do Círio de Nossa Senhora de Nazaré na capital paraense, Belém, entre outros. A grande presença evangélica na região tem contribuído também para uma espécie de reflexão da Igreja Católica, tanto em nível local como global, acerca de sua função e lugar no atual contexto.

Esse repensar tem possibilitado, na escala local, o reconhecimento pela Igreja de que é muito importante a presença de um padre que more na cidade, e se ele for nativo melhor ainda, pois se entende que dessa maneira ele tem maiores possibilidades de dialogar com a comunidade, o que facilita sobremaneira os trabalhos de evangelização.

Outro desafio que a Igreja Católica coloca para si é que o povo seja educado na religião de maneira “adequada”, segundo sua perspectiva. Para tanto, a instituição vem tentando disciplinar as festas de santo que, na área pesquisada, são algo muito forte, grande referência para a população católica. No entanto, essa disciplina não se dá com os mesmos instrumentos do passado, pois o contexto que se apresenta exige novas metodologias e novos discursos. No passado havia, apesar de toda diversidade, uma espécie de manto católico que cobria a tudo e a todos. Pajés, benzedeiros, pais e mães de santo se autodeclaravam “bons católicos”, reinava uma identidade católica, apesar das diferenças internas;

no presente não se pode mais falar de um manto católico dominante, abriu-se outro universo, outro discurso: o evangélico que se opõe ao católico, inclusive do ponto de vista da afirmação de uma identidade.

Os dados de campo nos permitem afirmar, a partir da questão inicial colocada, que a Igreja Católica está de fato atenta à presença evangélica na região e que algumas de suas práticas estão de fato relacionadas a esse avanço. Porém, nossa afirmação não para por aí, pois as mudanças no universo católico não podem ser pensadas apenas como resultantes de ações do universo evangélico. Numa escala ampla, as práticas da Igreja Católica representam o processo de mudança mais geral que a própria Igreja reconhece como fruto da globalização e da modernidade, conforme menciona em seus vários documentos consultados. Quanto à questão acerca da situação no interior do universo evangélico local podemos afirmar que tal relação se constitui de aproximações e afastamento e que, apesar de se preservar uma identidade evangélica, uma espécie de segundo manto, é mais pertinente falar de identidades por denominação que, mesmo preservando um núcleo comum, aquilo que em relação ao catolicismo Drooger, citado por Maués (2009), chamou de RMB-Religiosidade Mínima Brasileira, pode ser melhor compreendida se fragmentada.

NOTAS

¹ Doutora em Antropologia, professora adjunta do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão.

² A Mesorregião Marajó é composta por dezesseis municípios: Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Currealinho, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista, Soure e Gurupá. Na Região está

contida a Ilha do Marajó, que abriga 12 dos dezesseis municípios.

³ Em 2011 essa denominação comemorou seu centenário na cidade de Belém com grande evento que reuniu evangélicos do mundo todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro:CPAD, 2009, 208p.

BOYER, Veronique. *Expansion Évangélique et migrations en Amazonie brésilienne*. Paris: Karthala, 2008. 231p.

CELAM. *Documentos do Celam*: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. Conselho Episcopal Latino Americano. São Paulo: Paulus, 2004.878p.

GUERRA, Lemuel. *Mercado religioso no Brasil*: competição, demanda e dinâmica da espera da religião. João Pessoa: Ideia, 2003.198p.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac &Naify, 2003. 535p.

MAUÉS, Heraldo. Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade? *Revista Tomo*. São Cristóvão – SE, n. 14, jan/jun 2009. 32p.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.132p

PANTOJA, Vanda. *Negócios sagrados*: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré Belém-Pa. 2006. 135f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Pará, 2006.

_____. *Santos e Espíritos santos, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara*. 2011. 223f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Pará, 2011.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. 211p.

Sítio pesquisado

www.ibge.gov.br

PENTECOSTALISTS AND CATHOLICS INTO THE MANAJOARA AMAZON - NOTES OF FIELD RESEARCHS

Abstract: This article analyzes from incursions into the field the protestant presence at a part of the Brazilian Amazon, more specifically of the mesoregion Marajó. It was executed visits at the 16 municipalities that compose the region. It was found that in the two last decades of the twentieth century there was a growth of denominations in the region as well as a diversification of the same, although this is not new evangelic presence in the region, since It dates back to 1911 with the founding of the Assembly of God at Belém-Pará. It was found that the relations between evangelics and catholics and between evangelics of different denominations are characterized by tension and disputes over market in a field that goes through change processes.

Key-words: Amazon, Marajó, Pentecostalism, Catholicism.

